

Quando a Música se Aproxima do Diálogo: A Crítica Social nas Vozes do Documentário Cidade Improvisada (2011)

Pamela de Bortoli Machado¹

Introdução

Música do cinema. No cinema. Para o cinema. É recorrente que tais colocações sejam remetidas a filme de ficção. Entretanto, pelo menos nos últimos anos o estudo do som em análises de filmes de não ficção vem ganhando espaço, nesse caso principalmente sob a ênfase na palavra falada ou som ambiente.

Dessa forma, a proposta deste trabalho é refletir sobre a aproximação da música com o diálogo, a partir da análise do documentário *Cidade Improvisada*. Viemos com a questão de que as respostas dadas pelos entrevistados são inseridas em uma batida de hip-hop, na mescla que apresenta elementos do diálogo, como jogo de pergunta-resposta e a captação de som direto, ao mesmo tempo em que se ilustra a característica do improviso musical de forma poética. Nesse terreno de limites sobre a forma musical e falada, o objetivo é analisar as relações entre a música construída por meio da entrevista, com suas especificidades e expressões críticas de cunho social.

Baseando-se na abordagem proposta pelo documentário, procura-se evidenciar como a música é colocada pelos músicos como construção de uma opinião, além de sua proximidade como crítica social, conforme citado em entrevista pela diretora Alice Riff:

Eu queria fazer um filme sobre o que via acontecendo nas batalhas². Para mim o mais legal das batalhas era ver jovens usando como "arma" a palavra, a rima e a criatividade. A ideia foi colocar os MC's não um batalhando contra o outro, mas juntos, contra uma cidade que oprime, marginaliza, etc. E aí pensei que a forma seria no esquema que rola nas batalhas³.

Assim, a proposta é fazer a batalha que os MC's travam nas rinhas, nas ruas. Dentro de um cenário amplo, cheio de histórias, vida e acontecimentos.

¹ pam.dbmac@gmail.com

² A chamada Tradicional Batalha do Real embora sendo um exemplo de integração social e cultural entre os jovens e músicos compositores, não é considerada como uma festa e sim um projeto de qualificação da cena musical do rap e hip-hop.

³ Entrevista cedida para a autora via e-mail.

Descrever a cidade em que se vive, pode ser fácil, mas, fazer isso em rimas, improvisos, com o rap na linha de frente, é trabalho para os que entendem do assunto. Participam do filme Thaíde, Kamau, Max B.O., Rapadura, Slim Rimografia, Funkero, Bebel du Guetto, Suppla Flá, Flow MC, Tiago Redniggaz, Shirley Casaverde, DD, Pri, Mamuti, Drika e Marcello Gugu.

Breve Contextualização sobre a Diretora de *Cidade Improvisada* e Alguns Personagens sociais:

Alice Riff:

Formou-se em Ciências Sociais (USP) e Cinema (FAAP). Faz pós-graduação em Estudos Brasileiros na Escola Superior de Sociologia e Política de São Paulo e trabalha como produtora e diretora de documentários, no qual possui uma produtora independente.

Cidade Improvisada. Direção. Documentário. 19 minutos. HD. Melhor filme no Festival Visões Periféricas 2013; Selecionado Para a 23ª Mostra Internacional de Curtas de São Paulo; Selecionado para o 5º Festival Entretodos de Direitos Humanos; Selecionado para a 16ª Mostra de Cinema de Tiradentes; Selecionado para Mostra do Desenvolvimento IPEA 2013; Selecionado para o Festival Cinedocumenta 2013; Selecionado para o Festival MIMO, 2013; Selecionado para o Festival Ciudades Reveladas, Buenos Aires, 2013; Selecionado para o CurtaDocSescTV; Festival ArariboiaNiteroi RJ.

Personagens:

Thaíde:



Altair Gonçalves – Thaíde. Rapper, compositor, produtor, apresentador e ator brasileiro. Fez muito sucesso nos anos 80 e 90, cantando em parceria com o DJ paulistano DJ Hum, formando a dupla Thaíde & DJ Hum. Também foi apresentador do programa Yo! MTV

Raps, da MTV Brasil, voltado ao rap e à black music. Thaíde faz parte da velha escola do rap nacional, quando iniciou sua carreira nos anos 80 como um dos

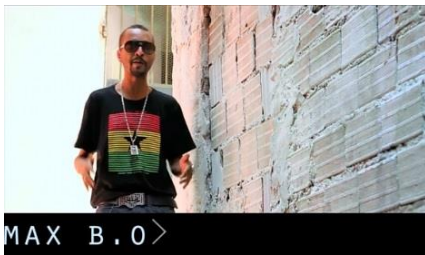
fundadores da equipe de break Back Spin. Ao lado de seu ex-parceiro DJ Hum, foi um dos primeiros artistas de rap do país a gravar. Participou da primeira coletânea de rap Hip-Hop Cultura de Rua, que veio a ganhar projeção nacional com o sucesso da clássica "Corpo Fechado".

Kamau:

Marcus Vinicius Andrade e Silva – Kamau. Rapper, compositor, *beatmaker* e artista brasileiro. Iniciou sua carreira em 1997 e é visto como referência por muitos dos MC's em destaque na cena atual e também admirado por veteranos. Álbuns: *Prólogo* (EP) (2002); *Sinopse* (mixtape) (2005); *Escuta Aí* (2006); *Non DucorDuco* (2008); *Entre* (2012).



Max B.O.:



Marcelo Silva - Max B.O. Rapper, repórter e apresentador de televisão brasileiro. Atualmente apresenta o programa *Manos e Minas*, da TV Cultura. É considerado por muitos o "mestre do *freestyle* nacional". Discografia: *Ensaio, o Disco* (2010); *Antes que o Mundo Acabe* (2012).

RAPadura:

Francisco Igor Almeida dos Santos – RAPadura Xique-Chico. Rapper, compositor e produtor brasileiro. Discografia: *Fita Embolada do Engenho – Rapadura na Boca do Povo* (2008 – mixtape); *Amor Popular* (2008 – mixtape).



Slim Rimografia:



Valter Araújo – Slim Rimografia. Rapper, cantor, e compositor brasileiro. Começou a sua carreira profissional em 1996, mas antes já era b-boy e grafiteiro. Trabalha junto com Thiago Beats. Conhecido por ser um dos principais nomes do *freestyle* rap no país, Slim lançou seu primeiro álbum em 2003, chamado *Financeiramente Pobre*, com destaque para as músicas "Por Você" e "Falido". Três anos depois, em 2006, o segundo álbum, intitulado *Introspectivo* foi lançado. O trabalho contou com faixas como "Sol" e "Amigos". Em 2010, Slim participou junto com a banda *Projetonave* do programa Experimente, do canal Multishow.

Bebel du Guetto:

Nascida em São Luis do MA, MC Bebel du Guetto começou a sua carreira artística como cantora aos 15 anos, sob todas as influências de ritmos já consagrados como o Reggae, Carimbó, Rap, Repente e o Funk. Atualmente está divulgando seu primeiro trabalho independente, a mixtape "A Torre de Bebel" com participações especiais como Big Papo Reto, Xumane, JP e MrCatra.



Flow MC:



A carreira do Flow MC iniciou nos anos 2000, ao lado de Jay P, Marcello Gugu e Hadee (do Som Sujo). Conhecido por ser um dos fundadores da Batalha do Santa Cruz, que há quase sete anos acontece na estação de metrô Santa Cruz, na zona sul de São Paulo. Flow foi prestigiado em 2011 com a mixtape *Vileiro*, que com sons como "Cilada" e "Quartinho Obscuro" (que ganhou clipe com participação de Emicida e Flora Matos) conquistou uma posição na lista de discos nacionais do ano da Soma.

Cidade Improvisada e a Construção das Expressões

“Em uma sociedade desigual, sem infraestrutura para todos, só sobrevive quem tem ginga, quem improvisa.” (Tiago Redniggaz, MC entrevistado). Assim se apresenta o filme que reúne 16MC’s, de diversos cantos do Brasil, para improvisar sobre temas relacionados a cidades, como justiça, transporte e preconceito.



Alice Riff propõe com o documentário, a exacerbação dos problemas sociais vividos por aqueles que manifestam pelo rap, sua opinião. O tema lançado para cada um dos MC’s é debatido com letras que expõe a realidade social vivenciada por eles, nos moldes da metrópole que os desafiam diariamente. Segundo Martins (2013), o rap permite ao compositor a liberdade para expressar as injustiças vivenciadas, bem como apresentar de forma poética as irregularidades sociais:

O rap coloca o sujeito receptor no coração da ação ao denunciar em suas letras a criminalidade sem disfarces, apontando a crueldade exercida contra populações desamparadas pelo poder público, sem direito à segurança, educação e outros problemas de ordem socioeconômica. (MARTINS, 2013, p.3).

Além disso, no momento em que os rappers criam e difundem um estilo peculiar de interpretar suas músicas, com suas gírias próprias e gestos, retratam em forma de rima o comportamento e sentimentos de milhares de jovens que moram e vivem em condições iguais a de muitos deles, tornando-os porta-vozes dos anseios e denúncias de sua comunidade. Tal afirmação é exemplificada pelo improvisado de Tiago Redniggaz, em sua visão acerca do jovem no Brasil:

“Eu era só um moleque, só pensava em dançar, cabelo black e tênis all star⁴. Que nem racionais na rua, eu digo pra você, que jovem no Brasil vou te falar, tá pra crescer. E ter também oportunidade, pra poder viver da sua habilidade. Se o melhor que eu fizer for rimar, tenho que rimar profissionalmente, por isso também poder ganhar. Eu olho, e penso também no tocador de coco, o talento ali vou dizer que não é pouco. Nos embolador também Zé Pentista vou te falar, os cururu no sertanejo pode chegar. Sabe isso daqui, vem da mãe África, eu digo pra você, isso daqui não mudar de tática. A prática é a mesma e eu sigo dizendo, que isso é sonho aqui no Brasil. Viver de hip-hop é coisa que ninguém nunca viu. E trabalhando por isso me sinto bem, é forma de contribuir pro mundo ir mais além. E também

⁴ Referência à música Fórmula da Paz, do grupo musical RacionaisMC’s.

aqui pra finalizar uma parada: quem não quer viver a vida todo dia dando uma risada?”⁵



Nas rimas dos MC's estão as verdades escancaradas. A visão da cidade em movimento (fig. ao lado) é contraposta pelas entrevistas ritmadas que apontam seus problemas. Aqui, para Martins (2013), há um incômodo ou até mesmo um estranhamento, devido ao fato de que o rap traz luz às questões que podem pôr em risco a estabilidade e segurança da sociedade. Isso porque ao depender da realidade social de quem escuta (e visualiza) sua mensagem, corre-se o risco de ser remetido à apologia ao crime, ao invés de um denunciador de problemáticas:

De denunciador, é transformado em incitador da violência, resultado da inversão de valores que exige a sociedade de sua responsabilidade social e lhe absolve da culpa de fechar os olhos para toda injustiça e desigualdade social. Por abordar em suas letras a mesma realidade do adolescente em questão, pode provocar adesão ou rejeição, visto que alguns jovens se reconhecem na mensagem transmitida pelos raps, enquanto outros rejeitam seu conteúdo de modo a evitar o contato com sua própria história, identificando-se com gêneros musicais alienantes que se referem a experiências alheias à sua própria experiência. (MARTINS, 2013, p.4).

Nesse sentido, a diretora Alice Riff procura “dar a voz” ao rappers para a composição do cenário de São Paulo e Rio de Janeiro. Mais do que contextualizar um gênero musical inserido em um documentário, a proposta é criar “a batalha contra a cidade” – levantar temas urbanos gerados pelo descompasso social – e, nas vozes dos músicos, a exposição em rimas dessas temáticas:

Não importa de onde você veio, quem você é, mas sim o que você pensa e como você se coloca. E o MC precisa deixar tudo isso claro naquele um minuto de improviso. Então eu dava um tema, e o pessoal tinha um minuto para rimar e se expressar sobre aquele assunto, sempre relacionado à cidade. Vejo muita relação entre o improviso e a maneira como quem não tem voz (pelo menos a oficial, dominante) vive na cidade⁶.

E, em complementação a Riff, Martins (2013) menciona como a música, aqui construída por uma batida sobre as entrevista, pode conciliar o papel de “ter voz” e

⁵ Improviso composto por Tiago Redniggaz extraído do documentário Cidade Improvisada. 2012. 19 min.

⁶ Entrevista cedida para a autora via e-mail.

permeiar a comunicação entre os jovens. Por meio da mensagem do improviso, “o jovem é conduzido a um olhar crítico em relação ao preconceito ou exclusão a que é submetido, transformando a música, a rima e o ritmo em veículo de expressão das angústias sociais atuais” (MARTINS, 2013, p.2).

Nesse patamar, destacamos o improviso composto por Marcelo Gugu, cuja temática abordada foi sobre polícia. Percebemos nas rimas o preconceito sobre sua atitude de estar nas ruas, e pelo fato de ser tatuado. Em seu relato, mesmo construído poeticamente há a predominância de uma crônica que denuncia fatos cotidianos da periferia:

“Fazendo rima aqui, na memória revivi os tempos do enquadro da Katy Mahoney e do Steve⁷. Na porta da escola fazendo zoeira, encosta todo mundo, ninguém tá de brincadeira. E é isso, cadê o bagulho? Sr. não sei de nada, só tô aqui fazendo um barulho. Aí moleque não leva uma comigo não, ninguém tá de brincadeira na situação. Nem eu senhor, eu só tô aqui me divertido e fazendo o pessoal rir. Eu juro, parceiro, que eu não tenho malícia, não tenho problema nenhum com a polícia. O problema é que a polícia tem problema comigo. Me vê na rua, me acha inimigo. Olha as tattoos, mas não sabe que eles estão falando com Marcelo Gugu. Não que isso seja muito, tá ligado? É que eu passo e eles ficam bolado. Eu me pergunto “que que eu fiz?”, na hora que tiver no tribunal de frente pro juiz.”

Assim, na apresentação do documentário tem-se a relevância dessas críticas sociais, expostas claramente por meio da entrevista em forma de improviso. Além disso, ao contemplar os depoimentos de forma representativa, enfatizamos a ideia de que o cinema pode ser utilizado como ponte para a criação de uma conscientização social, quando os personagens que expõem suas vivências. Conforme salientado por Gutfreind (2008), essa interligação pode ser realizada quando o cinema e o seu vínculo com outras mídias funciona como um produto de base da sociedade contemporânea, participando do imaginário de uma determinada sociedade e da experiência dos indivíduos. Portanto, o cinema torna-se um instrumento para socialização, uma vez que cristaliza fatos, personagens e ideias:

O cinema é, sim, produto das formas pelas quais uma sociedade constrói suas representações. Um filme opera os códigos culturais da sociedade da qual ele é originário. Ele faz parte de um contexto. Mas esse mesmo filme, por suas características de interação com o indivíduo por meio de sua linguagem, possibilita um retorno, de forma “digerida” ou “ressignificada”, dessas representações para a sociedade. (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.56).

⁷ Referência a personagens policiais da série Dama de Ouro.

Entrevista Musical ou Diálogo Improvisado?

Propomos a reflexão de como o documentário *Cidade Improvisada* aproxima a música com o diálogo, conforme suas características peculiares. Aqui, a música é construída sobre uma opinião que deveria ser refletida em um minuto segundo a diretora Alice Riff, ou seja, não há uma prévia construção musical. Nesse caso, a batida de hip-hop foi inserida na edição, resultando em uma combinação de opinião e *freestyle*.

Nessa combinação de vozes e opiniões, a batida contextualizou o universo do hip-hop e sua função crítica perante os problemas de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Tal menção é complementada por Chion (1995) quando diz que a música pode ser a representação de uma ordem simbólica, criadora, organizadora, suscetível de agir sobre o resto do filme, de organizá-lo e guiá-lo. A batida contextualiza a fala e monta o estilo que vai ser a temática do documentário: como fatos da cidade podem ser debatidos por meio do improviso, em que Riff argumenta como sendo a construção de uma música própria:

O improviso é uma música particular porque você a faz ao vivo, inserindo coisas que estão acontecendo, dando opinião, falando o que quiser falar, mas em forma de música e rima. E eu não fazia pergunta, eu dava um tema: "vou te dar um tema e você tem um minuto para falar o que quiser disso". Pode ser considerada uma entrevista, mas eles respondiam em forma de música.⁸

Em complementação a essa condução narrativa criada por Riff, Nichols (2007) destaca que uma das características comuns ao documentário é a predominância de uma lógica informativa, que sustenta um argumento ou uma informação sobre o mundo histórico. Por causa disso ele tem outra maneira de organizar o material filmico: sua montagem, por exemplo, não precisa ser a montagem em continuidade, que preza para que o espectador receba os fatos representados de tal modo que eles pareçam evoluir por si mesmos, consistentemente. Ela é uma montagem de evidência, que está preocupada em demonstrar as ligações entre os personagens, os espaços, os acontecimentos da história. A continuidade, como usada na ficção, não é tão importante porque as situações retratadas no documentário estão relacionadas entre si em virtude de suas ligações históricas, e é isso que a montagem com frequência procura demonstrar. É

⁸ Entrevista cedida para a autora via e-mail.

mais importante organizar os planos de maneira a dar a impressão de um argumento único, convincente, sustentado por uma lógica.

A partir dessa característica em criar argumentos e asserções sobre determinado tema, Nichols (1997) menciona a utilização de recursos e elementos emocionais – provas inartísticas e artísticas. Aqui, a montagem da batida de hip-hop sobre o improviso pode ser um elemento emocional, cujo entrelaçamento e aproximação com o diálogo instituem a argumentação sobre fatos sociais, além de o fator musical atuar como a identificação de estilo do personagem social:

“Desigualdade em todo lugar, até enquanto uns andam de jatinho e outros vão de trem. E lotado como já sabemos, é desse jeito, pobre sempre paga veneno. De um lado tem prédio, do outro tem favela, e no cinema eles falam que a vista é bela. Porque assim eles vendem pro gringo, e os cara pagam o veneno de domingo a domingo. Ganha urso de ouro, mas não traz nada de lá. É embaçado, a gente tem que se atentar. Que os cara quer fazer acontecer com o nosso nome, mas nunca sobra e nós que fica na fome. Em SP tá difícil, mas tá tranquilo, viver é nosso ofício.”⁹

Nesse improviso realizado por Matute, observamos que não há a utilização de uma batida, apenas a fala do músico mensurada aos ruídos de carros. Podemos pensar na ideia de que os sons da cidade são a mescla para a voz que acusa seus efeitos e/ou consequências da desigualdade social, enfatizando e caracterizando o que está sendo dito. “O ruído é o som: a música de um mundo em que a categoria da representação deixa de ser operante, para dar lugar à infinita repetição” (WISNIK, 1999, p.53). A repetição de ruídos que fazem parte de um cotidiano pontuado pela agitação das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, de modo que essa música atua com o propósito de identificação (Kassabian, 2001), ampliando seu significado perante a cena (Chion, 2009).

A articulação dos ruídos e batidas com as opiniões dos MC’s constroem um discurso orientado por Riff, cuja pretensão não está na delimitação entre fala e musicalidade:

Acho que realmente é indefinido. Chega a ser uma brincadeira com esse estilo de documentário: talking heads, só com entrevistas. São só pessoas falando, mas em forma de música. Tem o Thaide, que faz uma espécie de apresentação, mas por outro lado eu não contextualizo (só quando há contextualização na rima). De onde veio a pessoa, de onde veio o freestyle, nada é explicado.

⁹ Improviso composto por Mamute extraído do documentário Cidade Improvisada. 2012. 19 min.

Dar a voz, liberdade e a possibilidade de transmitir uma mensagem em seu próprio estilo são o propósito central de *Cidade Improvisada*, na representação que mistura o discurso do improvisado, seja por entrevista/fala ou estilo musical, com os ruídos e paisagens corriqueiras das grandes cidades. Aqui, o próprio discurso sobre problemas sociais é apoiado pela batida musical além de contextualizar um estilo, contribui para o estabelecimento da voz do filme:

A técnica, o estilo e a retórica compõem a voz do documentário: são um meio através do qual uma argumentação se representa a si mesma ante nós (...). A voz de um documentário expressa uma representação do mundo, uma perspectiva e um comentário sobre o mundo (...). É uma proposição de como é o mundo – o que existe dentro dele e qual a nossa relação com essas coisas. (NICHOLS, 1997, p. 188).

Esse mundo é denunciado por Riff por meio dos ruídos de carros e paisagens de periferias, cujo acompanhamento musical é a própria descrição de suas vertentes:

O “Cidade Improvisada” faz um registro da cena de freestyle nas grandes cidades brasileiras. As batalhas de MC’s, nas ruas, representam muito do que eu, Alice, acredito como modelo de cidade. As ruas ocupadas com pessoas se articulando, desenvolvendo ideias e conceitos. O rap tem um papel essencial para pensar a cidade e o direito a ela, desde sempre. Principalmente em São Paulo. O filme está rodando por aí há um ano, e uma coisa bem legal foi a quantidade de exposições públicas que teve. Estamos conseguindo (eu, toda a equipe, e os MC’s) nos comunicar com muita gente, mostrando nossa maneira de ver a cidade, ocupá-la, a importância do jovem na construção de cidadania, e pensar que as coisas mais interessantes da cidade (culturalmente, politicamente), hoje, encontram-se nas fronteiras, não nos lugares.¹⁰

O papel de mostrar a cidade consiste em expressar, aqui por meio do improvisado, como os jovens lidam com temas especificados por Riff: polícia, futuro, desigualdade. Já na abertura do documentário temos a ideia da preocupação que não só as rimas sejam apreciadas, como também a relevância de seus juízos:

“É o olhar da verdade, assim o chão treme, vários MC’s rimando nos bits do RM. Quando eu acordo, tô pronto pra essa jogada, eu tô preparado pra cidade improvisada. Eu vou rimando tranquilo, levo meu improvisado, eu tô in loco, faço foco igual povo no miso. Vendo a

¹⁰ Entrevista concedida ao blog Estadão de Adriana Plut. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/adriana-plut/100-boliviano-mano-que-retrata-a-comunidade-pelos-olhos-de-um-adolescente-sera-exibido-nesta-quinta-pelo-canal-futura/>. Acesso em 07/06/2014.

câmera pra ter maior imagem, eu vou rimando tranquilo pra garantir a melhor mensagem.”¹¹

Verificamos ao final das falas dos MC’s que o uso e funcionamento da música no documentário não serviu apenas como suporte para o improviso, aqui colocado por sua aproximação com o diálogo pelo cunho argumentativo e expositivo, mas também como contextualização de uma vertente e personalidades sociais.

A reflexão assim, se remete às nuances e possibilidades de criação acerca do som inserido no documentário, em que essa primeira análise procura aproximar elementos do diálogo como composição de um conteúdo musical, abrindo caminhos para questionamentos sobre essas linguagens.

Referências

BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

CHION, M. **Film, a sound art**. New York: Columbia University Press, 2009.

_____. **Audio-vision: sound on screen**. New York: Columbia University Press, 1995.

GUTFREIND, C. F. Cinema e outras mídias: os espaços da arte na contemporaneidade. . **Contemporânea**, v. 6, n. 1, 2008.

KASSABIAN, A. **Hearing film: tracking identifications in contemporary Hollywood film music**. New York/London: Routledge, 2001.

MARTINS, R. **Experimentações com o rap e a música contemporânea na ONG Casa do Zezinho – Capão Redondo**. Pesquisa integrante do projeto: Rappers, os novos mensageiros urbanos da diáspora africana na periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa. Faculdade de Educação da USP – São Paulo, 2013.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 2a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

_____. **La representación de la realidad: cuestiones y conceptos sobre el documental**. Barcelona: Paidós, 1997.

WISNIK, J. **O som e o sentido** .2a ed. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

¹¹ Improviso composto por Max B.O. extraído do documentário Cidade Improvisada. 2012. 19 min.

Filmografia:

CIDADE Improvisada. Direção: Alice Riff. Produção: Bianca Macedo e Viviane Rocha. Montagem: Alice Riff e Fábio Riff. São Paulo; [s.n.], 2012. 19 min.